

## Dificuldades, desafios e conquistas do homem educador de infância: Uma voz nos dois géneros

MARIA TERESA DE MATOS

teresadematos@netcabo.pt

Colégio do Vale

FRANCISCO PAIXÃO

francisco.paixao@gmail.com

Creche “A cegonha”

### Resumo

Na história da educação de infância e na sua implementação em Portugal, figuram factos históricos que remontam aos primeiros cuidados prestados às crianças, exclusivamente destinados à figura feminina.

Francisco Paixão e Teresa de Matos, com onze e trinta e um anos de prática docente, respetivamente, educadores de infância com experiências diferenciadas, construíram os seus percursos académicos e profissionais em contacto direto com as dificuldades, os desafios, as conquistas e algumas surpresas, inerentes à sua condição e visão de género.

Destacando alguns estudos e pesquisas relacionadas com o homem como educador de infância mostram, em discurso direto, a forma como encaram a educação, como a testemunham e como são vistos enquanto pares num meio essencialmente feminino.

Francisco Paixão narra e reflete sobre a sua prática pedagógica, o como e o porquê da sua escolha e orientação profissional e a forma como encara as escolhas de futuros educadores face ao género, estabelecendo um paralelo emocional com

vivências significativas da sua infância.

**Palavras-chave:** Educação de Infância, Educador, Género, Homem.

### Abstract

In the history of early childhood education, and its implementation in Portugal, there are listed historical facts dating back to the early care for children, exclusively by the female figure.

Francisco Paixão and Teresa Matos, with eleven and thirty-one years of practice, respectively as early childhood teachers with distinctive experiences, built their learning and professional paths in direct contact with the difficulties, challenges, achievements and a few surprises, inherent to their status and vision of gender.

Highlighting some studies and research related to man as childhood educator, they show, in direct speech, the way they perceive education, how they witness it, and the way they are seen as pairs in an essentially female environment

**Key concepts:** Education, Educator, Gender, Man

## **REFLEXÃO, DIFICULDADES, DESAFIOS E CONQUISTAS DO HOMEM EDUCADOR DE INFÂNCIA: UMA VOZ NOS DOIS GÊNEROS**

*A existência de práticas educativas mais igualitárias na educação de infância, nomeadamente em relação à promoção de uma maior igualdade de género no trabalho com crianças pequenas, passa também por estas conviverem com homens e mulheres (Cardona, 2014, p. 14.).*

### **Introdução**

Na história da educação de infância em Portugal, rezam factos que, embora de incontornável referência, nos parecem hoje bizarros e de contornos chocantes. Se inicialmente a formação de educadores de infância era direccionada exclusivamente às mulheres – hiato apenas quebrado no final dos anos 70 do século XX –, a sua frequência tornou-se tradicionalmente feminina, surgindo hoje polvilhada de raros elementos do sexo masculino.

Feita uma rápida análise à atribuição de género a determinados tipos de profissão, percebemos com alguma facilidade como a

especificidade do desempenho e o estereótipo social e cultural, estão intimamente relacionados com a capacidade de exercício em ocupações características: Como reagiríamos ao confiar o nosso automóvel numa oficina liderada por uma mulher? Qual a imagem atribuída a uma mulher trabalhando na construção civil? Qual o impacto de se tornar seguidor de uma religião liderada no feminino? Que juízos poderão ser imputados se, no caso específico da educação de infância, se permutarem cargos tipicamente feminizados?

As conceções de educadoras relativamente à competência dos seus colegas foram evocadas por Cardona (2006) a propósito de um estudo desenvolvido no distrito de Santarém com a finalidade de “*perceber melhor a forma como (educadoras) concebem as características a que deve obedecer o perfil das/os profissionais de educação de infância*”; de forma concomitante, este estudo pretendeu ainda “*saber se consideram que a sua profissão deve preferencialmente ser exercida por mulheres*” (Cardona, 2006, p. 13).

Algumas das educadoras inquiridas referiram-se a colegas educadores de infância de diversos modos. Enquanto que duas dessas educadoras expressaram a sua convicção de que os seus colegas são competentes «*(...) era muito compreensivo, as crianças adoravam-no (...)*» e «*(...)*

*penso que poderão ser tão bons ou melhores ainda (...) talvez os homens pensem que têm de fazer trabalhos de que não gostam muito, como certas coisas que se têm de fazer em creches»*), uma outra educadora enunciou de forma mais prudente o seu parecer: «(...) as estatísticas dizem que é mais para mulheres (...) penso que um homem também se adapta» (Cardona, 2014, pp. 13, 14).

Por seu lado, uma terceira educadora expressou dúvidas da adequação do trabalho dos educadores na creche: “*para os bebés já não sei bem (...) na parte de relacionamento, tudo bem. Naquela parte que os bebés têm, para além do relacionamento, já não sei se será bem assim (...)*” (idem).

Já uma quarta educadora foi perentória relativamente ao facto dos homens serem incompetentes para cuidar dos bebés: “*Não os vejo a mudar fraldas (...)*”; prosseguindo, esta educadora tentou distanciar-se da conceção preconceituosa que acabara de expressar afirmando: “*Talvez seja um pouco a mesma mentalidade que eu critico (...) os homens talvez também ainda não estejam muito predispostos para isso (...)*” (idem).

No caso específico da educação de infância, estes parecem continuar como fatores preponderantes na designação dos sujeitos para a sua

prática – segundo os dados disponíveis para o ano letivo 1999/2000, e num universo de 9469 educadores de infância no ativo, apenas 144 eram homens (Sarmiento, 2004). Ou seja, 1,5% de casos excecionais.

### **Ponto 1 - Um homem educador de infância: ou a crónica do pai lobo.**

“A primeira vez que me chamaram pai, ainda os meus dois filhos não tinham nascido. As palavras, embora rapidamente corrigidas, saíram naturalmente. Na verdade, também já fui cavalo, lobo, carro e mota, e motor de avião” (Paixão, 2015).

O facto de me questionar sobre a razão pela qual me tornei educador de infância, faz-me levantar algumas questões relativas à continuidade dos instintos maternos, da vocação e, por inerência, às questões do género. Confesso que esta foi uma escolha pouco consensual, que em consciência foi construída e que muito se apoiou nas vivências que povoaram a minha infância e que cresceram enriquecendo a minha adolescência até à idade adulta.

Foi aos seis anos de idade que encarei o primeiro confronto de género. Perfeitamente alinhado na sala reservada às reuniões do grupo de escuteiros da Iª secção, ouvi atentamente o que me era exposto pela

chefe destacada: o *Livro da Selva*, obra consagrada de Rudyard Kipling (1894 / 1994), servia de base à vivência de um imaginário que, colocando no centro o crescimento de um menino no seio de uma alcateia, punha na figura de Akela, o macho mais velho e sábio, as orientações primordiais da sua educação.

Até então, tinha vivido no que me apresentavam como o natural. O meu pai trabalhava na grande fábrica da vila, enquanto os meus dias eram divididos entre as vivências no jardim-de-infância, sob a alçada de uma educadora e uma auxiliar de educação, e o conforto do meu lar, sob os cuidados e o olhar atento de minha mãe. Descobri mais tarde, como estes dois universos se iriam tocar e como se tornariam reais no julgo do Ser na minha profissão – vivia-se um renovado período na educação de infância em Portugal, mas receava que a minha entrada no meio educacional pudesse ser contaminada por uma tradição implícita e tendencialmente geradora de equipas pedagógicas exclusivamente femininas.

Uma das premissas que com mais empenho defendo e acredito no grande universo da educação de infância, está intimamente ligada ao *educuidar*. Como orgulhoso educador de infância em exercício de funções na creche, custa-me que se ergam barreiras ou se criem

fronteiras determinando um espaço e um tempo próprios para ações específicas de cuidado e educação. Custa-me também, e relembrando os relatos das educadoras referidos anteriormente, que a prática desenvolvida por educadores de infância homens esteja, à luz de uma grande maioria, ainda orientada para o Ser apenas relacional, em detrimento da sua conjugação com outros cuidados essenciais e alicerces do currículo – Como orientar uma prática que estabeleça um momento preciso para cuidar e outro para educar? Haverá um fundamento que defina o quando e o porquê para tais momentos? Segundo Bettye Caldwell (2005), defensora de um programa que unifica as componentes do cuidado e educação, “(...) *não se pode educar sem prestar cuidados e protecção, e não se pode prestar cuidados correctos e protecção durante os importantíssimos primeiros anos de vida (...) sem ao mesmo tempo educar*” (Dias, 2012, p.14).

E se nós, profissionais, estudiosos e pedagogos, procuramos incessantemente novos rumos e orientações iluminadas para o credo pedagógico, que procurarão as instituições que nos acolhem? Haverá uma linha de conduta na procura do seu Homem do leme? Haverá a preocupação de se perceber quais os valores e os domínios defendidos

por um Educador, por exemplo a sua adoção das concepções do *educuidar*, ou a contratação de um educador se limita à eventual necessidade de que se cumpram os hábitos da tradicional exclusão dos homens nesta profissão?

Concluída a minha formação inicial, vi-me na sombra do que poderia desorientar o meu norte. Sabia das dificuldades na iniciação da carreira profissional, estava ciente das minhas capacidades e da vontade que tinha em começar a caminhada, mas desconhecia os contornos que poderia enfrentar pelo preenchimento não convencional do campo Género do meu *curriculum vitae*.

Pensar o meu percurso, distanciando-me e avaliando o que até hoje vivi, faz-me crer que o salto qualitativo dado pelas instituições que me acolheram as distancia da imagem criada por uma larga fatia da sociedade civil. Com três contratos assinados em dez anos (e no pleno do meu décimo primeiro ano de serviço), contam-se nove anos completos como educador de infância na resposta social de creche e apenas um (o primeiro do trajeto) como educador em jardim-de-infância.

Pensar o meu percurso e evidenciar o que me levou a ser parte integrante e ativa nestas mesmas instituições, leva-me a crer que o

objetivo final atribuído à educação de infância pode, afinal, estar longe da congruência demonstrada por um número destacado de companheiros de jornada.

Mas voltemos ao *Livro da Selva* e, à data, ao contexto da educação de infância em Portugal. Se em 1896 começa por ser facultada formação na disciplina de Pedagogia, para que mulheres “*habilitadas com o curso de formação de professoras da escola primária*” (Cardona, 2014: 11) possam, em regime de exclusividade encabeçar escolas infantis, dois anos antes Kipling ousava colocar dois elementos masculinos em funções equiparadas: Akela, o já referenciado lobo velho responsável pela educação do menino abandonado, e Balu, o urso destacado para ensinar as leis da selva.

Recordando a forma arrojada como fui colocado e chamado a desempenhar as minhas funções enquanto educador de infância, poderei de imediato estabelecer novo paralelo com a obra do escritor britânico. Não por estas três instituições terem, de alguma forma, desafiado a norma, mas por não se terem inibido e respeitado o que pensavam ser o melhor para as alcateias a quem atribuíam novo Akela. Neste contexto não devo, no entanto, esquecer os obstáculos que se foram colocando numa viagem que adivinhava atribulada, mas que

---

pretendia de risco calculado. Depois de contratado precisamente pela minha condição de género, num entendimento leal e respeitado pelos principais envolvidos, chegava a hora de integrar uma nova equipa pedagógica já familiarizada com o trabalho no masculino. O abandono do meio urbano e a inclusão numa instituição familiar num meio iminentemente rural, veio lembrar-me todas as características atribuídas à educação de infância na sua génese em Portugal.

Como Akela nesta nova alcateia, lutei contra a tirania de Shere Khan, o tigre sedento pelo descaminho de Mogli, e vi-me obrigado a quebrar os Bandarlogs, grupo de macacos anárquico e fiel aos hábitos ancestrais.

Se o meu uivo tiver eco e a minha alcateia mantiver o seu rumo, jamais me sentirei numa minoria, mas parte integrante de um corpo que se rege por um bem comum.

### **Ponto 2 - O olhar e sentir de uma educadora, face ao homem educador de infância.**

Pegando nas palavras escritas pelo Francisco, também me parece que o homem educador de infância pode ser considerado, por algumas pessoas com mentalidade menos aberta, ou mais fechada e preconceituosa, como “o lobo” que se encontra entre as frágeis

crianças e as mulheres profissionais de educação que povoam os contextos educativos.

Tal como o Francisco, também eu tenho um percurso cruzado com Educadores de Infância ou estudantes homens com que tive o prazer de conversar sobre a forma como se sentem “nestes espaços tão femininos”, como em geral são as Creches e os Jardins de Infância.

Em 1983, concluí a minha formação inicial em Educação de Infância no Magistério Primário de Lisboa e tive como primeiro desafio ser Educadora de Infância de um grupo com 4 e 5 anos, substituindo um dos primeiros homens educadores de infância o Pedro Nunes da Silva, agora já reformado tendo concluído o seu percurso profissional no Alentejo.

Passaram-se 30 anos e ainda me lembro como se fosse hoje, o desagrado por parte de algumas crianças e respetivas famílias por o Pedro Educador ser substituído, pois contava com o reconhecimento e respeito por parte de toda a Comunidade Educativa, especialmente pelas crianças. Ou seja, a substituição de um homem educador, por uma mulher educadora, foi uma tarefa difícil, um desafio que se prolongou por todo o ano letivo.

Não foi fácil, e por vezes ouvi as crianças dizerem que não gostavam

---

de mim, que tinham saudades do Pedro, certamente por ser um excelente profissional de educação mas também por ser um homem, com todas as suas características em termos de personalidade, destacando-se a sua postura, o seu dinamismo a sua forma única de encarar a educação dos mais pequenos.

Posteriormente cruzei-me com outros educadores e relembro algumas palavras trocadas como o Paulo na APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância, sobre como se sentia como educador na Creche. Sim estávamos ambos a exercer a nossa atividade em salas de 1, 2 anos e recordo-me de perguntar ao Paulo, como se sentia e como era visto pelas famílias. Respondeu-me que o clima era tranquilo, que algumas famílias talvez demonstrassem alguns receios, mas que não evidenciavam esse sentimento de uma forma explícita, mas o facto de as crianças gostarem de o ter como educador e relatarem aspetos muito positivos das suas interações quotidianas, terá certamente contribuído para a sua aceitação positiva e reconhecida por toda a comunidade educativa.

Vou voltar ao Francisco para recordar que foi estudante na ESE de Setúbal, quando eu era Professora Convidada. Numa turma de mais de 25 estudantes, nesse ano 1999, inscreveu-se o Francisco. Nesse ano

o Francisco encontrou como colegas o João e o Nuno a frequentar o 2ºano e o Juan no 4º ano. Foi de facto um ano com uma representatividade masculina muito evidente.

Embora não tivesse acompanhado o percurso profissional do Francisco e do João, tive o prazer de os convidar a participar num dos Encontros da APEI em Lisboa, SER BEBÉ em 2009 em que ambos relataram um pouco das suas práticas como educadores homens e apresentaram de uma forma sucinta as suas dificuldades, conquistas, desafios...face às crianças, às equipas, às famílias...

Da minha longa experiência como educadora de infância e coordenadora, considero que seria fundamental e muito rico para todos, se houvesse mais educadores, mais figuras masculinas a exercer as funções de educadores de infância. Tal como nas famílias há pais, avós, tios, primos,...também na educação de infância os homens devem ter representatividade e constituir uma “mais-valia” nos contextos educativos.

Em geral os homens brincam, conversam, têm atitudes e tomam decisões de forma diferente das mulheres e essas formas de agir são muito apreciadas por todos. É de salientar que as crianças são muito apreciadoras e demonstram a forma como gostam das figuras

masculinas com muito entusiasmo. No contexto educativo onde exerço a minha atividade os professores de educação física, informática, bem como psicólogo têm um “impacto positivo” junto das crianças que os “diferencia” das educadoras, auxiliares e professoras.

Relativamente às famílias, com quem tenho tido contactos, formais ou informais ao longo do meu percurso, apenas recebi uma mensagem de desagrado sobre o facto de ter um estagiário homem, pedindo explicitamente que este não se aproximasse muito da sua filha de quase um ano.

Ao procurar o que se tem escrito e pesquisado sobre o Educador de Infância, em Portugal, género masculino tive a oportunidade de encontrar uma tese de mestrado relativamente recente, pois foi defendida em Lisboa 2012, por Andreia Sofia Dias de Oliveira com o título *Construção e desenvolvimento da Identidade profissional do educador de Infância - percursos no masculino*: Um estudo de três casos, realizado no âmbito do Mestrado em Supervisão em Educação. Trata-se de uma tese com uma vasta bibliografia, sobre identidade e género e nela a autora referindo-se a Margalha (2009) sugere que “no domínio das ciências da educação, o recente estudo do referido autor

*é um exemplo da investigação feita, em Portugal, sobre a questão da feminização na educação. O tema do seu estudo enfoca, sobretudo, as representações dos educadores e professores do primeiro ciclo do ensino básico do género masculino, sobre da sua carreira, exercida num contexto feminizado”.* Através deste estudo, o autor vem reforçar que a presença masculina nestes níveis de docência é, ainda, bastante diminuta, sobretudo no que se refere aos educadores de infância cuja presença “nas creches e jardins-de-infância portuguesas é, assim, um acontecimento raro e olhado pela maior parte dos pais com alguma desconfiança” (p. 20).

Tal como referi anteriormente, também Kelvin (1974), citado por Oliveira (2012) refere que as crianças beneficiam tanto em ter educadoras como educadores a trabalhar com elas.

Prosseguindo, a autora da tese destaca alguns aspetos explicativos no que se refere à presença do educador de infância, nos contextos educativos, e para tal cita de novo Kelvin (1974), referindo que “os seus estudos apontam que, na maioria das escolas, é manifestada a vontade de existirem educadores do género masculino no corpo docente. Contudo, o autor salienta a escassez de homens na educação de crianças mais novas e justifica-a por duas causas: i) por um lado,



---

*refere que os salários e as promoções na carreira são baixas; ii) por outro lado, destaca como constrangimentos, o papel atribuído a cada género e a associação da mulher ao trabalho com as crianças”.*

Não há dúvida que os educadores do sexo masculino, são efetivamente “desejados” para integrar uma equipa maioritariamente constituída por mulheres. Não conheço homens educadores desempregados e em conversas informais sei que muitos contextos educativos gostariam de integrar homens. No entanto, este cenário será muito difícil de concretizar, dado que no grupo de educadores de infância em Portugal, apenas pouco mais de 1% são homens, ou seja, como se costuma dizer, não chegam para as possíveis encomendas.

Considero que há ideias pré-concebidas, e atitudes menos favoráveis face à figura masculina, na educação de infância e certamente algumas das ideias menos positivas advêm de várias notícias publicadas ou emitidas na comunicação social face a homens com cargos religiosos, na área da educação ou outras situações em que se espera que jamais quebrem os valores e o respeito pelos direitos básicos das crianças.

### **Conclusão**

Podemos afirmar que a profissão de educador de infância está muito

relacionada com as mulheres, com o género feminino, sobretudo pela rápida associação à “maternidade”, à “intuição para cuidar” e ainda, por todas as razões sociais, religiosas e culturais.

Felizmente temos excelentes exemplos de homens educadores de infância que têm “remado contra a maré”, e mostrado a toda a comunidade a forma como constroem práticas de qualidade junto das crianças mais pequeninas, realizando um trabalho notável junto das famílias e demonstrando nas suas atitudes e vivências em Creche e Jardim-de-Infância, que o homem, tal como a mulher tem um papel significativo, tal como o pai, o tio, o avô...tem um papel na família a par da mãe, da tia, da avó...

Não podemos deixar de referir o número 101 da revista CEI — Cadernos de Educação Infância, de 2014, dedicada ao homens educadores de infância, com relatos e testemunhos muito interessantes sobre os seus percursos profissionais em Portugal, recordando as palavras de Pedro Nunes da Silva: “*Falar de uma profissão como a do educar(a) de infância tendo como motivação a questão do género poderá não nos levar muito longe e até conduzir-nos a interpretações distorcidas*” (Silva, 2014).

**Referências bibliográficas**

- CARDONA, M (2006) Educação de Infância. Formação e desenvolvimento profissional. Chamusca: Ed. Cosmos.
- CARDONA, M. (2014). A entrada do sexo masculino na educação de infância. A perspetiva de algumas educadoras. Cadernos de Educação de Infância, Nº 101 janeiro/abril, 2014. Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- DIAS, Daniela (2012). O educuidar na Creche e Jardim-de-Infância». Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Relatório do Projeto de Investigação. IPS/ Escola Superior de Educação.
- KIPLING, R. (1994). O Livro da Selva. Amadora: Ediclube Coleccionáveis.
- MARGALHA, H. (2009). A Feminização na Educação Básica: os Docentes do Género Masculino na Educação de Crianças. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, A. (2012). Construção e desenvolvimento da Identidade profissional do educador de Infância - percursos no masculino: Um estudo de três casos. Tese de Mestrado em Supervisão em Educação. IPL/ ESE de Lisboa
- SARMENTO, T. (2004). Correr o Risco: Ser Homem numa Profissão «Naturalmente» Feminina in: Atas do V Congresso Português de Sociologia, Disponível [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR4628d6492bf35\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d6492bf35_1.pdf)
- SILVA, P. N. (2014). P'rá menina, p'ró menino, ou... Cadernos de Educação de Infância, Nº 101 janeiro/abril, 2014. Associação de Profissionais de Educação de Infância.
-

**Francisco Paixão** é licenciado em Educação de Infância pela Escola Superior de Educação de Setúbal, desde 2003.

No ano letivo 2003/2004 teve a sua única experiência como educador em jardim-de-infância sendo, desde então educador em creche. Durante dois anos (2004-2006) acumulou o cargo de educador com a coordenação pedagógica de uma instituição particular, mudando-se posteriormente para uma IPSS – Centro Social de Palmela, onde permanece até hoje.

Durante cinco anos trabalhou com grupos horizontais, abraçando desde 2011 no pólo A Cegonha, o desafio de abraçar grupos verticais (1-3 anos).

É educador cooperante da ESE de Setúbal, na formação inicial de futuros educadores de infância, desde 2008 e parte ativa na colaboração de projetos organizados por esta instituição, integrando diversos painéis de debate.

Educador Cooperante do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Setúbal

**Maria Teresa de Matos**, Educadora de Infância com 31 anos de experiência em diferentes contextos educativos. Atualmente

Educadora e Coordenadora do Pré-escolar no Colégio do Vale – Almada.

Experiência como docente convidada no Ensino Superior (ESE de Setúbal, Univ. de Évora)

Licenciatura e Mestrado em Ciências da Educação - Formação de Adultos - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Lisboa.

Ao longo do percurso profissional experiência diversa, nas seguintes áreas: Formação, Gestão, Coordenação...organização de Encontros Nacionais, Locais, dinamização de diferentes grupos de trabalho no âmbito da EDUCAÇÃO.

Educador Cooperante do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Setúbal